

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2010/2011

**Estudos Arqueológicos de Oeiras** é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Professor Doutor Jean Guilaine (Collège de France, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Jorge de Alarcão (Universidade de Coimbra)

## ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 18 • 2010/2011      ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso  
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas  
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO  
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras  
Fábrica da Pólvora de Barcarena  
Estrada das Fontainhas  
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso, Maria da Conceição André e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

## A CRONOLOGIA ABSOLUTA DAS OCUPAÇÕES FUNERÁRIAS DA GRUTA DA CASA DA MOURA (ÓBIDOS)

António Faustino Carvalho<sup>1</sup> & João Luís Cardoso<sup>2</sup>

### 1 - INTRODUÇÃO

A gruta da Casa da Moura (Óbidos), cujas coordenadas geográficas são 39° 19' 36'' Lat. Norte; 9° 15' 14'' Longitude W de Greenwich, foi escavada em duas ocasiões por J. F. Nery Delgado (1835-1908), na segunda metade do século XIX: a primeira campanha teve lugar em 1865 e estava integrada no reconhecimento geológico da

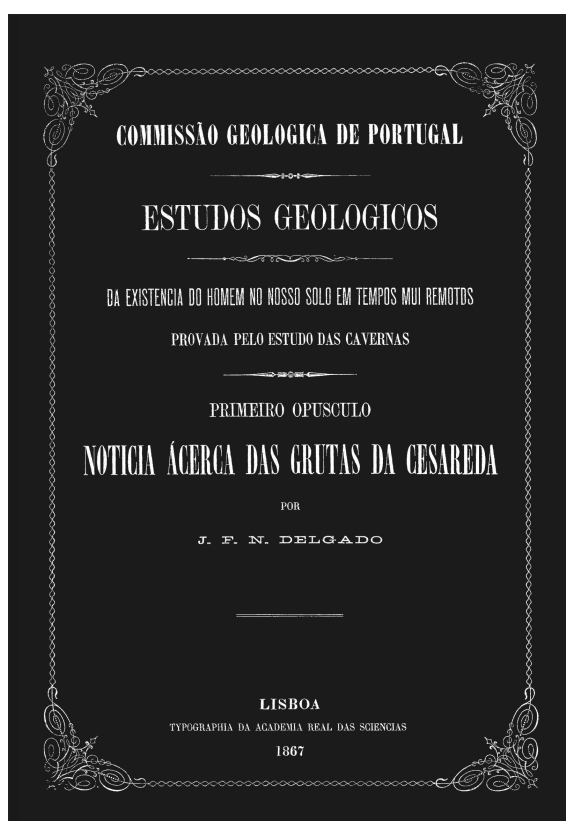


Fig. 1 – Página de rosto da monografia de J.F. Nery Delgado dedicada à Casa da Moura e localização geográfica da estação.

<sup>1</sup> Professor Auxiliar da Universidade do Algarve.

<sup>2</sup> Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

região, acção que incluía também a avaliação da sua ocupação pré-histórica; a segunda campanha teve lugar em 1879/80 tendo em vista o propósito de aumentar as colecções arqueológicas da Comissão Geológica de Portugal por ocasião da IX Sessão do *Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas*, que teve lugar em Lisboa em 1880.

Destes trabalhos de campo resultou a identificação de uma sequência constituída por dois estratos arqueológicos principais (DELGADO, 1967), a saber:

- um “depósito inferior”, de idade plistocénica, formado por sedimentos avermelhados endurecidos pela precipitação de carbonato de cálcio (resultante da infiltração de águas na cavidade), com uma potência da ordem dos 2 metros, e com restos faunísticos diversos (aves, carnívoros e lagomorfos) e ainda, de acordo com revisões posteriores do espólio artefactual, integrando alguns materiais do Paleolítico Superior;
- um “depósito superior” (separado do anterior por um nível estalagmítico), que se apresentava pouco consolidado, com sedimentos de cores anegradadas devido a elevados teores de matéria orgânica, e que incluía restos humanos numerosos (acumulados em ossários?) associados a artefactos característicos da Pré-História recente.

Trabalhos realizados no local em 1987, que visavam uma melhor caracterização dos níveis paleolíticos a partir da escavação de um testemunho das antigas escavações oitocentistas, permitiram, além de outros aspectos, obter duas datações de radiocarbono – as primeiras para esta cavidade – para ambos os depósitos: o “depósito inferior” foi datado de  $25090 \pm 220$  BP (TO-1102) a partir de uma mandíbula de lobo e, para o “depósito superior” obteve-se uma datação de  $5990 \pm 60$  BP (TO-953) a partir de um cúbito humano (STRAUS *et al.*, 1988). Foi assim possível confirmar, de forma independente, as observações estratigráficas produzidas por Nery Delgado.

No que respeita a datações absolutas, foram ainda dadas a conhecer, embora de forma sumária, três outras determinações a partir de restos humanos não especificados, também holocénicas e coerentes entre si, mas que se situam em torno de 5000 BP (TO-2092 a TO-2094), ou seja, mais tardias que a acima referida (LUBELL *et al.*, 1994). Pouco depois, no âmbito de um programa de datações absolutas por acelerador sobre alfinetes de cabeça postiça, em osso, uma peça deste tipo proveniente da Casa da Moura foi datada de  $4600 \pm 90$  BP (OxA-5506) (CARDOSO & SOARES, 1995). No seu conjunto, as datações holocénicas que se têm vindo a referir indicam, portanto, que a utilização desta cavidade terá ocorrido, pelo menos, em diversos momentos do Neolítico, e desde o Neolítico Antigo.

No que respeita ao estudo dos espólios artefactuais do “depósito superior” da Casa da Moura, refira-se que, após o trabalho monográfico de Nery Delgado, estes foram estudados apenas circunstancialmente e de forma pontual, tendo sido somente com o artigo de J. R. Carreira e J. L. Cardoso (2001/2002) que, pela primeira vez, se obteve uma visão completa e detalhada deste importante conjunto. De acordo com estes autores, as datações de radiocarbono então existentes e, sobretudo, os exercícios comparativos realizados com outros contextos do actual território português, permitiram concluir pela presença de ocupações do Neolítico Antigo, Neolítico Final, Calcolítico e início da Idade do Bronze. Contributo mais recente corresponde ao estudo dos abundantes elementos crânio-faciais, incluindo o material dentário, exumados por Nery Delgado, que permitiu chegar a importantes conclusões quanto à proporção entre sexos, idade na altura da morte e patologias (ANTUNES, SANTINHO & CARDOSO, 2009).

Para aferir a longa diacronia que os materiais arqueológicos indicavam para o “depósito superior” da Casa da Moura, os signatários procederam em 2010 a um programa de datação sistemática de restos humanos, o qual teve lugar no âmbito do projecto de investigação intitulado *The last hunter-gatherers and the first farming communities in the South of the Iberian Peninsula and North of Morocco*, entretanto terminado, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/HAH/64548/2006) e codirigido por J. F. Gibaja e um dos autores (A. F. C.). É o

resultado desse programa de datações que ora se apresenta e discute, juntamente com as datações anteriormente publicadas.

## 2 - OBJECTIVOS DO ESTUDO; RESULTADOS OBTIDOS

As cinco datações de radiocarbono existentes até 2010 para o designado “depósito superior” da gruta da Casa da Moura foram realizadas por iniciativa de vários investigadores no contexto de distintos projectos de investigação. Deste modo, os critérios de selecção das amostras terão dependido directamente das diversas circunstâncias específicas face aos objectivos a atingir. O objectivo do presente programa de datações, por seu lado, era duplo:

1. visava, num primeiro momento, aferir o faseamento cronológico-cultural proposto para as diversas ocupações holocénicas da Casa da Moura com base no seu espólio artefactual (CARREIRA & CARDOSO, 2001/02);
2. procurava averiguar a utilidade da datação sistemática de restos humanos, por AMS, enquanto elemento para uma abordagem às dinâmicas de utilização funerária das grutas naturais estremenhas ao longo da Pré-História recente.

Subordinada a estes propósitos, procedeu-se à selecção e datação de oito calcâneos esquerdos (para evitar a datação em duplicado do mesmo indivíduo), seleccionados por entre o material osteológico humano conservado no Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG).

O número de datações disponíveis para o “depósito superior” da Casa da Moura passou a ascender a um total de 13 determinações, 12 das quais sobre restos humanos (Quadro 1). A Casa da Moura constitui-se, assim, como a gruta-necrópole com o conjunto mais alargado de datações sobre restos humanos do actual território português, superando mesmo o Algar do Bom Santo (DUARTE, 1998), Porto Covo (GONÇALVES, 2008) e a Gruta do Escoural (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995), com seis datações cada, sendo só igualada pela gruta do Poço Velho, também com 12 datações (GONÇALVES, 2009). Todas as restantes grutas-necrópole apresentam apenas três ou menos datações, o que limita ou mesmo inviabiliza tentativas de comparação.

**Quadro 1** – Datações de radiocarbono para o “depósito superior” da Casa da Moura, Óbidos <sup>(1)</sup>

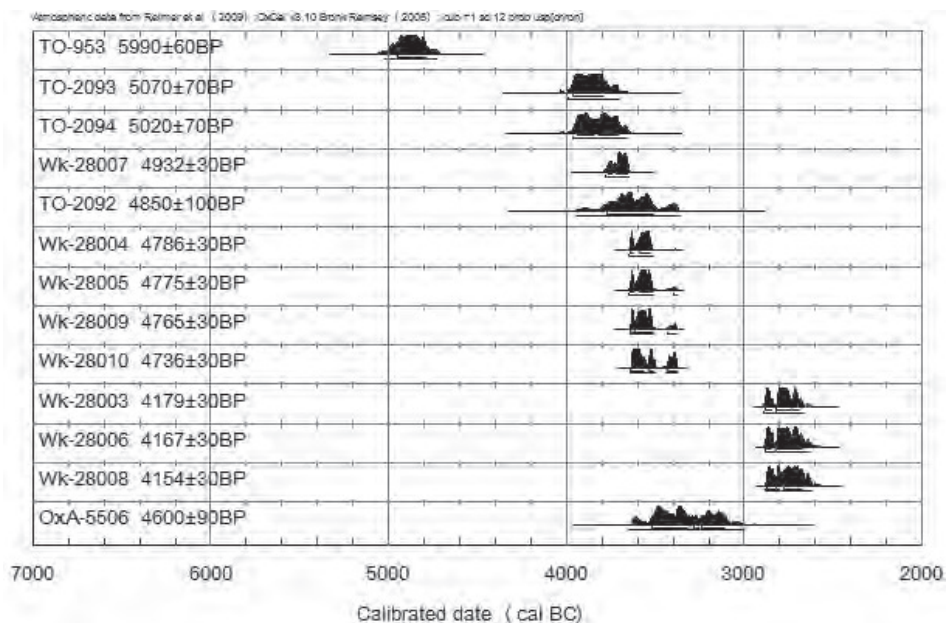
Código de Laboratório	Amostra	Datação BP	Cal BC (1 sigma)	Cal BC (2 sigma)
TO-953	cúbito humano	5990 ± 60	4950 – 4790	5020 – 4720
TO-2093	osso humano	5070 ± 70	3960 – 3790	3990 – 3700
TO-2094	osso humano	5020 ± 70	3940 – 3710	3960 – 3660
TO-2092	osso humano	4850 ± 100	3770 – 3510	3950 – 3350
Wk-28003	calcâneo esquerdo	4179 ± 30	2880 – 2690	2890 – 2660
Wk-28004	”	4786 ± 30	3640 – 3530	3650 – 3510
Wk-28005	”	4775 ± 30	3640 – 3520	3650 – 3380
Wk-28006	”	4167 ± 30	2880 – 2670	2880 – 2630
Wk-28007	”	4932 ± 30	3760 – 3650	3780 – 3650
Wk-28008	”	4154 ± 30	2870 – 2670	2880 – 2620
Wk-28009	”	4765 ± 30	3640 – 3520	3640 – 3380
Wk-28010	”	4736 ± 30	3640 – 3380	3640 – 3370
OxA-5506	alfinete de osso	4600 ± 90	3520 – 3110	3650 – 3000

<sup>(1)</sup> A datação TO-953 é primeiramente publicada por Straus *et al.* (1988), tendo os respectivos valores isotópicos sido depois publicados por Lubell *et al.* (1994), que também publicam as datações TO-2092 a TO-2094. A datação OxA-5506 encontra-se em Cardoso & Soares (1995). As datações Wk-28003 a Wk-28010, todas sobre calcâneos esquerdos humanos, são inéditas. A calibração das datas recorreu à curva IntCal09 (REIMER *et al.*, 2009).

Note-se ainda que o referido programa se constituiu como um *blind test* e não como uma selecção de amostras pré-determinada por quaisquer referências estratigráficas ou contextuais. Com efeito, as descrições fornecidas por Nery Delgado (1867), eloquentes quanto ao estado fragmentário do material osteológico (DELGADO, 1867, p. 64-65, 80 e 118), são elementos que configuram a existência de ossários, não havendo qualquer indicador que aponte para a presença de inumações primárias nesta cavidade, segundo as referidas observações.

As datações agora obtidas, conjugadas com as já disponíveis (Quadro 1), permitem tecer novas considerações sobre a cronologia e o tipo de ocupações a que se referem os artefactos anteriormente analisados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002).

**1 – Neolítico Antigo.** A mais antiga ocupação holocénica reporta-se ao Neolítico Antigo, estando expressivamente representada pela cerâmica impressa e incisa; os chamados “bordos denteados”, com a decoração produzida na parte externa do bordo, são o único tipo cerâmico decorado claramente posterior (Neolítico Final da Estremadura). A única datação inserível no Neolítico Antigo é a data TO-953, do início do V milénio a.C. (~ 5000-4800 cal BC), que se coaduna perfeitamente com o material cerâmico, atribuído pelos autores acima citados a uma fase evoluída do Neolítico Antigo, dada a inexistência de qualquer componente cardial. O facto de, por entre as oito datações agora obtidas, não haver nenhuma que “repita” aquela (Fig. 2) significará que as práticas funerárias terão sido, nesta época, pouco numerosas na Casa da Moura, o que configurará uma situação semelhante à verificada na Gruta do Caldeirão (Tomar), onde se identificaram escassas deposições individuais que ocorreram no âmbito de ocupações de outra natureza, eventualmente de carácter logístico (ZILHÃO, 1992). A julgar por este paralelo, o Neolítico Antigo da Casa da Moura não teria necessariamente comportado um ossário. Há, portanto, que matizar a conclusão inicialmente avançada de acordo com a qual “[...] a gruta da Casa da Moura conheceu uma importante utilização sepulcral, a qual, a acreditar pela importância dos materiais, foi mais intensa que as ocupações mais modernas nela identificadas” (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, p. 289).



**Fig. 2** – Projecção gráfica das datações de radiocarbono para o “depósito superior” da Casa da Moura, Óbidos, calibradas segundo o programa OxCal v.3.10 (BRONK-RAMSEY, 2005).



**2 – Neolítico Médio.** Um segundo momento de ocupação, claramente diferenciado do anterior por um hiato que compreende todo o restante V milénio a.C., reporta-se à primeira metade do milénio seguinte. Trata-se de um conjunto de oito datações que se distribuem, sem aparentes descontinuidades, entre cerca de 4000 e 3400 cal BC, isto é, no período de tempo comumente denominado de Neolítico Médio (Fig. 2). Esta fase não está contemplada no esquema inicialmente proposto (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002), e a razão para tal residirá no carácter incomum – leia-se, de difícil determinação cronológico-cultural – das componentes artefactuais que usualmente integram este período, porém também presentes na Casa da Moura: cerâmica lisa de forma esféricas simples, geométricos trapezoidais e lâminas e lamelas não retocadas. Ainda que se possa considerar a possibilidade de parte da cerâmica decorada tradicionalmente reportada ao Neolítico Antigo evolucionado ter originalmente feito parte deste conjunto, o estado actual dos nossos conhecimentos sobre as produções cerâmicas do IV milénio a.C. é insuficiente para responder com segurança a esta questão. A julgar pelo elevado número de datações deste período, é de crer estarmos perante a acumulação de ossários, tal como reconhecidos noutras grutas-necrópole estremenhas contemporâneas desta fase de ocupação da Casa da Moura, os quais terão sido responsáveis pela perturbação dos níveis do Neolítico Antigo aqui pré-existentes.

**3 – Neolítico Final.** A terceira ocupação da Casa da Moura está claramente atribuída ao Neolítico Final, considerando os diversos “fósseis directores” que caracterizam este período na Estremadura, entre os quais se encontram os recipientes de bordos denteados na sua parte externa, as taças carenadas, os alfinetes de cabeça postiça em osso e ainda, de acordo os autores que se têm vindo a referir, as placas de xisto com decoração geométrica e o báculo dado a conhecer ainda no século XIX (CARTAILHAC, 1886, Figs. 96, 97), a par de uma notável produção artefactual de pedra lascada, com destaque para as célebres alabardas de sílex polido e lascado, algumas das quais foram também dadas a conhecer por aquele arqueólogo francês (*op.cit.*, Fig. 88 a 90). A calibração da data OxA-5506, sobre alfinete de cabeça postiça, pese embora o seu grande desvio-padrão, cobre essencialmente a segunda metade do IV milénio a.C. (Fig. 2) e é, portanto, perfeitamente consentânea com esta ocupação. Não deixa de ser importante assinalar, no entanto, que não houve um único resto humano datado deste período, que, a julgar precisamente pelo espólio referido, deveria ter sido de ocupação funerária. Como explicar esta aparente ausência ou, pelo menos, escassez, de deposições funerárias, contrastando com a abundância do espólio exumado? Uma possibilidade seria a de admitir que as cuidadas folhas bifaciais de sílex – tal como as placas de xisto, os báculos – pudessem continuar a produzir-se no decurso do Calcolítico, designadamente nas suas fases iniciais, já na primeira metade do III milénio a.C., época compatível com a existência dos ideofactos de calcário mencionados. Prova desta possibilidade é a recolha, na *tholos* de Tituaria (Mafra), de uma folha de punhal cuidadosamente lascada em ambas as faces, após polimento (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 40, n.º 11), bem como de um fragmento de placa de xisto com decoração geométrica de triângulos (*op. cit.*, Fig. 41, n.º 1). Ao referido punhal, outro de poderia acrescentar, com lingueta incipiente, evocando os exemplares metálicos dos quais poderia ter constituído protótipo, recolhido na *tholos* de Pai Mogo (Lourinhã) (GALLAY *et al.*, 1973, Est. X). Acresce, ainda, que os alfinetes de cabeça postiça, embora característicos do Neolítico Final, tal como as produções anteriores, também continuaram a ser seguramente fabricados nas etapas iniciais do Calcolítico, como demonstra uma datação por acelerador obtida em exemplar da gruta artificial de Palmela III (CARDOSO & SOARES, 1995, Quadro II), a única que indica tal época, entre as seis efectuadas. Em conclusão: é admissível encarar a possibilidade de certas produções, embora características do Neolítico Final, terem sobrevivido, embora vestigialmente, na Estremadura, na primeira metade do III milénio a.C., e, por conseguinte, serem já calcolíticas.

**4 – Calcolítico.** O Calcolítico da Casa da Moura está testemunhado, segundo os autores do seu estudo, pela panóplia de artefactos ideotécnicos de calcário, “sem que lhes seja possível associar qualquer outro espólio”,

afirmação que deverá ser matizada, tendo presentes as anteriores observações. Tais objectos, de marcado carácter mágico-religioso, “são usualmente relacionados com tumulações, em diversos tipos de sepulcros estremenhos (grutas naturais, artificiais, sepulturas de falsa cúpula e monumentos megalíticos)” (CARREIRA & CARDOSO, 2001/02, p. 289). Um último grupo de três datações, que se situa coerentemente na primeira metade do III milénio a.C. (~ 2800-2600 cal BC), deverá corresponder a esta ocupação calcolítica (Fig. 2), e vem comprovar assim, de modo independente, aquela conclusão.

Os autores que se têm vindo a citar acrescentam ainda que “[...] excepcionalmente [os objectos votivos de calcário] ocorrem agrupados, formando depósitos rituais não directamente associados a contextos funerários: é o caso do notável conjunto exumado na gruta do Correio-Mor, Loures (CARDOSO *et al.*, 1995, p. 289), onde as evidências de outros materiais arqueológicos calcolíticos pré-campaniformes são também escassas”. Já depois de redigidas estas considerações, duas datações produzidas a partir de restos humanos desta gruta de Loures, obtidas no âmbito do mesmo projecto de investigação em que se enquadrou o programa da datação radiocarbónica da Casa da Moura, indicam a existência de deposições funerárias nesta gruta nesta época. Muito provavelmente, o chamado “depósito ritual” de objectos de calcário reconhecido no Correio-Mor – e, claro, os cultos que o mesmo terá congregado – estava de alguma forma associado às práticas funerárias aí praticadas que resultaram na formação de ossários acumulados ao longo de séculos. As referidas datações do Correio-Mor – Wk-25162: 4257 ± 30 BP; Wk-25163: 4467 ± 30 BP (CARDOSO, 2010) – distribuem-se, quando calibradas, entre os últimos séculos do IV milénio a.C. e os primeiros do seguinte (Fig. 3). É, pois, possível equacionar a possibilidade de terem ocorrido, durante as primeiras fases do Calcolítico, deposições funerárias e práticas cultuais em torno de objectos de calcário em espaços contíguos, mas diferenciados (ossário / santuário), fazendo, no entanto, parte de todo um conjunto integrado relacionado com a Morte. Só a descoberta de novos contextos deste tipo ou a reinterpretção fundamentada de outros poderá no entanto confirmar esta possibilidade de segregação espacial no interior destes “sepulcros-templos” calcolíticos. No âmbito desta discussão afigura-se incontornável a identificação de um banco ou altar, na *tholos* de Pai Mogo, construído adossado à parede interna da câmara e do lado esquerdo da entrada da mesma, para quem vem do corredor, coevo da construção daquela. Os autores admitem que tal subestrutura tenha feito parte de um ritual funerário, dado o contexto em causa, embora nada acrescentem sobre a relação entre os objectos funerários e aquela construção (GALLAY *et al.*, 1973, p. 20). Seja como for, existem exemplos de agrupamentos de ídolos de calcário formados do lado externo de diversas *tholoi* da necrópole de Los Millares, conforme foi devidamente assinalado na publicação dedicada ao estudo supra referido dedicado ao altar da gruta do Correio-Mor.

**5 – Final do Calcolítico/início da Idade do Bronze.** Algumas peças são integráveis no designado “Horizonte de Montelavar”, como braçais de arqueiro, botões em osso e uma ponta de Palmela, a que se poderiam juntar – a menos que sejam mais recentes – alguns recipientes carenados, com paralelos no Bronze Pleno do sudoeste, e um punção losangular em cobre, igualmente com paralelos naquela área cultural, já devidamente assinalados (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002). Não foi possível obter qualquer data inserível nesta fase.

### 3 – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A observação da distribuição das datações de radiocarbono disponíveis para outras grutas-necrópole da Estremadura – a que se pode juntar a necrópole da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) – permite retirar algumas conclusões que, no seu conjunto, parecem indicar um quadro caracterizado por fases de utilização contínua, da ordem das centenas de anos, de tais cavidades como necrópoles, embora nalguns casos as ocupações se apresen-

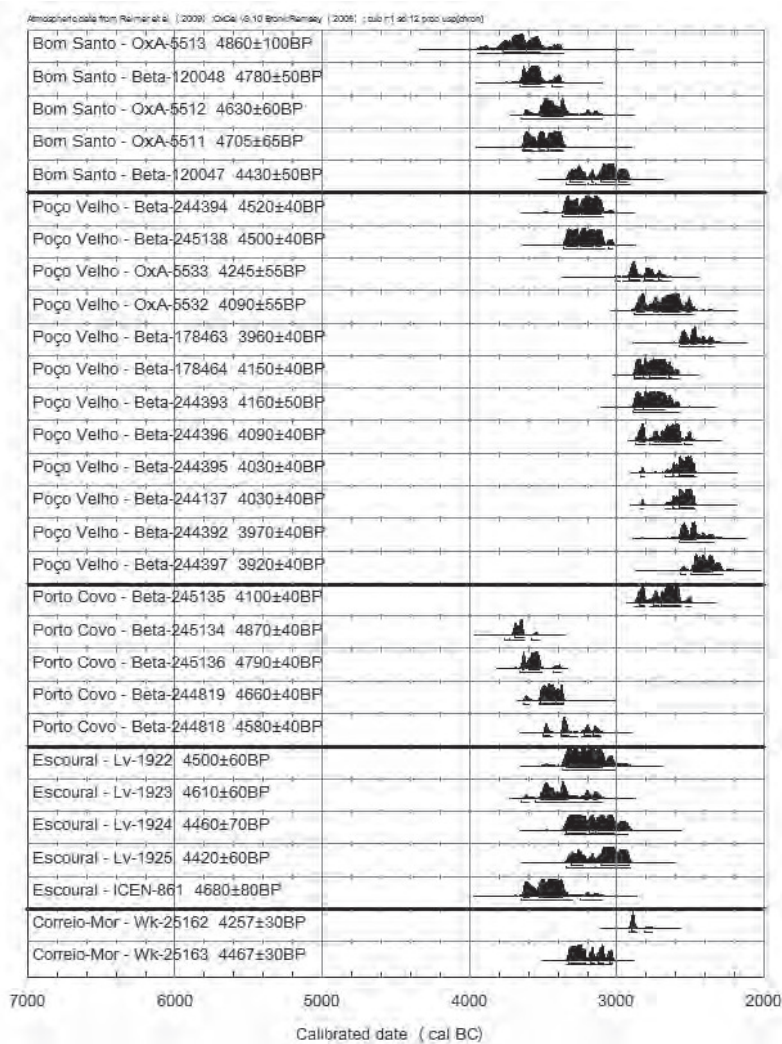


tem separadas entre si por hiatos muito claros, que evidenciam a existência de dinâmicas de utilização próprias aos diversos sítios. Assim, atentando apenas aos contextos com maior número de datações, atrás enumerados (Fig. 3), pode inferir-se o seguinte:

- O Algar do Bom Santo (Alenquer), com cinco datações utilizáveis – a data ICEN-1181 ( $4030 \pm 280$  BP) foi excluída da Fig. 3 devido ao seu excessivo desvio-padrão – apresenta uma única fase de ocupação, comprovada igualmente pela homogeneidade da respectiva cultura material e reforçada pelo facto de poder ter sido deliberadamente encerrada, com um grande bloco calcário, aquando do termo da sua utilização (DUARTE, 1998). Os resultados da calibração destas datas indicam uma utilização como necrópole, aparentemente sem interrupções em  $\sim 3600$ - $3200$  cal BC, isto é, em torno de 400 anos, ao longo da passagem do Neolítico Médio para o Final. A datação Beta-120047, que parece ligeiramente mais recente e “empurrar” a cronologia até ao final do IV milénio a.C. necessita de corroboração, o que

só se conseguirá através de um programa de datações específico. Note-se ainda, a propósito da cronologia do Bom Santo, que o estabelecimento do limite entre as fases média e final do Neolítico é uma questão controversa e que necessita, para o seu pleno esclarecimento, de dados contextuais e cronométricos adicionais, não sendo a discussão deste tema o objectivo do presente texto.

- Nas grutas do Poço Velho (Cascais) podem observar-se duas ocupações desigualmente representadas pelas 12 datações disponíveis para o local (GONÇALVES, 2009). Duas, mais antigas, centram-se em  $\sim 3400$ - $3100$  cal BC, correspondendo ao Neolítico Final regional; as restantes 10 distribuem-se em  $\sim 2900$ - $2400$  cal BC, isto é, por uma fase plenamente calcolítica de cerca de 500 anos. Entre ambas há um hiato aproximado de 200 anos.
- Da gruta de Porto Covo (Cascais) foi excluída a datação Beta-245133 ( $4650 \pm 40$  BP) por ter sido obtida através de uma amostra do indivíduo datado também através da datação Beta-244819 ( $4660 \pm 40$  BP), representada no gráfico da Fig. 3 (GONÇALVES, 2008), sendo portanto redundante. Da análise daquela Figura



**Fig. 3** – Projecção gráfica das datações de radiocarbono publicadas para o Algar do Bom Santo (DUARTE, 1998), Poço Velho (GONÇALVES, 2009), Porto Covo (GONÇALVES, 2008), Gruta do Escoural (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995) e Correio-Mor (CARDOSO, 2010), calibradas segundo o programa OxCal v.3.10 (BRONK-RAMSEY, 2005).

retira-se um padrão semelhante ao da gruta-necrópole anterior, com duas ocupações distintas no tempo: uma primeira balizada em ~ 3700-3400 cal BC, isto é, com uma duração de 300 anos (a data Beta-244818 é pouco conclusiva pois a sua calibração dilata-se pelos últimos dois terços do IV milénio a.C.), e uma segunda ocupação representada pela data Beta-245135 (4100 ± 40 BP) que cobre boa parte da primeira metade do III milénio a.C. (a sua calibração a 2 *sigma* resulta em 2880-2490 cal BC). A separar ambas as ocupações estão pelo menos 300 anos.

- A gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) conta com cinco datações, se excluída a data OxA-4444 (5560 ± 160 BP) devido ao seu baixo teor de colagénio (SOARES, 1995). As restantes denotam um padrão semelhante ao Bom Santo: uma única ocupação continuada, em ~ 3500-3000 cal BC, isto é, durante cerca 500 anos, correspondente à cronologia atribuída na Estremadura ao Neolítico Final. A semelhança com aquele sítio estremeño encontra-se sublinhada pela respectiva cultura material (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995).
- Finalmente, a gruta do Correio-Mor (Loures) foi incluída na Fig. 3 apesar de contar apenas com duas datações, situadas entre o final do IV milénio a.C. e o início do seguinte (CARDOSO, 2010). As datas em causa não indicam uma clara continuidade, o que se deverá atribuir ao facto de se tratar apenas de duas amostras. Porém, um aspecto interessante, ainda sujeito a confirmação no prosseguimento da investigação, é o facto de as análises de ADNa, presentemente em curso sobre os mesmos restos ósseos submetidos a datação, terem revelado um haplotipo mitocondrial (16311C) comum a ambos (Eva Fernández, inf. pes.), o que significa a existência de relações de parentesco por via materna entre indivíduos da mesma necrópole que, no entanto, se encontram separados por quase duas centenas de anos (!), tema a que se voltará adiante.

Duas grandes questões – entre outras que se poderiam eleger – emergem dos dados que se têm vindo a apresentar. Em primeiro lugar, a falta de explicação para a raridade de datações (logo, de inumações?) do Neolítico Antigo face ao elevado número que se obtém nas fases seguintes. Note-se que, no caso da Casa da Moura, verifica-se discrepância entre a quantidade de cerâmicas atribuídas ao Neolítico Antigo e o número de inumações datadas desta época, quando comparadas com o número de datações mais modernas, contrastando com a menor quantidade dos correspondentes materiais cerâmicos. Em segundo lugar, carece de explicação a utilização sepulcral de algumas grutas durante centenas de anos, sucedida, em determinada época, pelo seu encerramento deliberado, ou por hiatos de duração variável, verificando-se neste caso a retoma da sua utilização por períodos também de durações seculares.

No que respeita à primeira questão, podem colocar-se duas hipóteses, que não se excluem mutuamente:

1. O conhecimento de que se dispõe actualmente sobre as produções cerâmicas do Neolítico Médio é de tal forma limitado que não é de excluir a hipótese de parte mais ou menos significativa das peças da Casa da Moura atribuídas, principalmente com base na sua estilística decorativa, ao Neolítico Antigo evolucionado (CARREIRA & CARDOSO, 2000/2001) sejam, na realidade, de um momento posterior do Neolítico, o que viria aliás ao encontro de ideias já expressas pelos mesmos autores (CARREIRA & CARDOSO, 1994) e matizaria a referida discrepância. No entanto, esta última interpretação não tem vindo a ser confirmada pelas investigações subsequentes, em sítios com estratigrafia, desconhecida na maioria dos sítios então valorizados (CARDOSO, 2010). Com efeito, não só continuamos a desconhecer em rigor os inventários cerâmicos dos contextos da segunda metade do V milénio e da primeira metade do seguinte, como o pressuposto de coexistirem no tempo cerâmicas decoradas pela técnica impressa e incisa, características do Neolítico Antigo evolucionado, com produções típicas do Neolítico Final, como as taças carenadas e os bordos denteados na frente do lábio, não se veio a confirmar. Esta associação, lembre-se, foi pela primeira vez admitida com base nas recolhas efectuadas no povoado do Neolítico Final do Alto de S. Francisco (Palmela), onde a ocor-

rência da decoração impressa formando motivos “em espiga” (sinónimo da “falsa folha de acácia”) foi considerada “como uma tardia reminiscência da das fases iniciais do Neolítico” (SILVA & SOARES, 1986, p. 71). Contudo, tal afirmação baseava-se exclusivamente em materiais de superfície; por outro lado, nas escavações ulteriormente realizadas em outros sítios da Baixa Estremadura, jamais aquela associação foi confirmada. A melhor evidência para que se tratam de dois conjuntos distintos foi fornecida pela estratigrafia do povoado do Carrascal (Oeiras) onde, sobreposta à ocupação do Neolítico Antigo evolucionado, se identificou outra, do Neolítico Final, cada uma delas caracterizadas pelos dois conjuntos mencionados de forma mutuamente exclusiva; tal realidade tinha sido já verificada anteriormente em Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996), embora ali se tenham recolhido dois fragmentos cerâmicos cuja tipologia aponta para o Neolítico Antigo. Aliás, já desde a década de 1960 que, nas escavações realizadas na Lapa do Fumo (Sesimbra), se evidenciou a referida sobreposição: ali, sobre uma camada com cerâmicas decoradas típicas do Neolítico Antigo evolucionado – mas de onde se encontravam completamente ausentes as taças carenadas e os bordos com decoração denteada na zona frontal – assentou lajeado, sobre o qual foram efectuadas deposições funerárias no Neolítico Final, devidamente enquadradas pelos respectivos materiais e datações realizadas (SERRÃO & MARQUES, 1971).

As realidades referidas são, pois, conclusivas quanto à não coexistência das produções cerâmicas em apreço, pelo que os materiais da Casa da Moura devem ser interpretados à luz de tais observações.

2. Se se atentar às outras necrópoles do Neolítico Antigo conhecidas no actual território português – é o caso, principalmente, do sítio de ar livre do Castelo Belinho (GOMES, 2010), no Algarve, e das grutas de Nossa Senhora das Lapas (OOSTERBEEK, 1993), Caldeirão (ZILHÃO, 1992) e Algar do Picoto (CARVALHO, 2008), na Estremadura –, verifica-se que estamos sempre perante contextos funerários por vezes de reduzidas dimensões (no caso das grutas); um reduzido número de indivíduos depositados em inumações individualizadas; e contextos associados a ocupações de carácter residencial (no caso da Gruta do Caldeirão e do Castelo Belinho). Estas observações contrastam com o que se observa nos grandes sepulcros colectivos das etapas mais tardias do Neolítico e no Calcolítico.

O referido contraste, de há muito assinalado em diversas sínteses sobre estas fases da Pré-História de Portugal, estará relacionado, segundo aquelas mesmas sínteses, com um nítido crescimento demográfico após o Neolítico Antigo. Independentemente do factor catalisador desse fenómeno, a partir do V milénio a.C. assistimos progressivamente à multiplicação do número de sítios de natureza funerária, que são agora espaços dedicados em exclusivo à gestão da Morte (grutas naturais, hipogeus, sepulcros megalíticos) e onde convergem todos os comportamentos simbólicos e rituais associados. Este processo assumirá uma notável complexidade durante o Calcolítico, visível não só no aparecimento de “depósitos rituais” como o identificado na gruta do Correio Mor (CARDOSO *et al.*, 1995), como também, talvez de forma mais eloquente, na relação, a diversos níveis, que se vai descobrindo existir entre as necrópoles de *tholoi* e hipogeus e os grandes recintos de fossos do sul do País (VALERA, 2010).

No caso concreto das grutas naturais estremenhas, o que se observa a partir do Neolítico Médio é um aumento progressivo do número mínimo de indivíduos inumados/depositados (SILVA, 2003) e a formação de ossários mais ou menos complexos, o que ocorre a par de uma “normalização” das oferendas funerárias, realidade que vai, aliás, sofrendo alterações na sua composição e diversidade ao longo da cronologia considerada (p. ex., CARDOSO, 2007). O espólio e as datações sobre restos humanos da gruta da Casa da Moura reflectem assim, de forma clara, esta tendência diacrónica geral e encontram no referido aumento demográfico a razão (probabilística) para a existência de apenas uma datação sobre restos humanos, em 11 possíveis, conectável com a necrópole ali constituída no Neolítico Antigo, sem prejuízo de, por razões culturais, o conjunto de vasos cerâmicos ali depositado ser numeroso.

O mecanismo demográfico específico responsável pelo aumento populacional a que se tem vindo a fazer referência nunca foi, no entanto, objecto de análise por parte dos pré-historiadores portugueses – e não cabe também aqui discuti-lo –, mas pode residir no modelo de “transição demográfica neolítica” defendido por Bocquet-Appel para várias regiões do globo, nomeadamente para o continente europeu (BOCQUET-APPEL & DUBOULOZ, 2003). Uma linha de investigação importante neste sentido seria a confrontação do inventário coligido por Silva (2003) para as grutas-necrópole do Neolítico tardio e Calcolítico estremenhas com os dados que se dispõe para contextos do Neolítico Antigo, apesar de escassos.

No que respeita à segunda questão acima apontada, a utilização intermitente de algumas grutas-necrópole, ou o encerramento deliberado de outras, são comportamentos equiparáveis a outros observados nas arquitecturas e utilizações dos monumentos megalíticos. Tais práticas parecem ser inerentes à organização e funcionamento das sociedades neolíticas e calcolíticas que se têm vindo a considerar de forma comumente aceite para o território português, pelo menos para as primeiras, como tratando-se de sociedades segmentárias. Alguns autores consideram mesmo que as sociedades calcolíticas, mais complexas, são ainda segmentárias no essencial da sua estrutura (SOARES & SILVA, 2000, 2010).

No quadro teórico em causa, aspectos como a intensificação económica, o desenvolvimento de mecanismos de diferenciação e complexificação sociais – nomeadamente através do reforço contínuo dos laços de parentesco e das alianças e/ou da afirmação individual (no seio dos grupos) ou de determinadas linhagens (à escala regional) – conjugados com os ritmos de exploração dos territórios e os padrões de mobilidade destas comunidades, terão conduzido estes grupos a afirmar e a negociar as fronteiras (com certeza cada vez menos fluidas devido ao crescimento demográfico verificado) dos territórios económicos e sociais de cada segmento ou linhagem (veja-se, para o devido enquadramento teórico destas questões, os princípios de funcionamento das sociedades segmentárias originalmente enunciados por SERVICE, 1962, p. 100-109).

Note-se, ainda, no âmbito do referido processo, que vários autores propõem para estas fases mais evoluídas do Neolítico o início da ocupação de territórios menos aptos para a economia agro-pastoril ou a expansão de influências megalíticas (ou mesmo de gentes) do Alentejo para a serra algarvia e para a Estremadura, quando não mesmo a existência de uma mobilidade bipolar litoral-interior abarcando a totalidade do sul de Portugal (p. ex., GONÇALVES, 1995). Estando no entanto por determinar documentalmente – por exemplo, através de análises paleoisotópicas – os reais índices de mobilidade das comunidades megalíticas, a teoria antropológica indica porém que o traçado das fronteiras entre sociedades segmentárias se modifica no tempo, e que o abandono ou reconfiguração de territórios, negociada ou forçada por factores externos, pode também ocorrer.

É neste quadro antropológico que se poderá explicar o encerramento intencional de grutas-necrópole (aquando do abandono do território envolvente pelo grupo que a utilizava) ou a retoma para fins funerários de grutas então disponíveis, mas que conservam enterrado registo de ocupações anteriores. Os hiatos de ocupação observados ao logo da diacronia da gruta da Casa da Moura, ou nas grutas cascalenses do Poço Velho e de Porto Covo (Fig. 3), podem ser, portanto, testemunho destes complexos fenómenos sociais.

Que estas sociedades segmentárias assentavam a sua organização e estrutura interna em laços de parentesco encontra apoio na observação da existência de traços morfológicos de origem genética indicadores de práticas endogâmicas entre as populações neo-calcolíticas estremenhas, de que são exemplo os casos de hipocondroplasia verificados nas necrópoles de Pai Mogo e Cabeço da Arruda (SILVA, 2003). Por seu lado, as relações de parentesco obtidas através do estudo do ADN – que decorre presentemente sobre amostras da gruta do Correio Mor e de outras grutas estremenhas (FERNÁNDEZ *et al.*, s.d.) – podem vir a revelar a coesão centenária dessas linhagens neo-calcolíticas por via do seu funcionamento tendencialmente endogâmico. Estes dados serão determinantes para o entendimento da organização social destas populações e, conseqüentemente, dos contornos



específicos em que tiveram lugar os diversos desenvolvimentos que caracterizam os períodos neolítico e calcolítico do actual território português.

## AGRADECIMENTOS

Ao Doutor Miguel Magalhães Ramalho, responsável pelo Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia, pela autorização concedida à recolha de amostragem no material ósseo, a qual esteve na origem do presente trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, M. T.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. S. (2009) – Espólio humano da gruta da Casa da Moura (Cesareda): observações osteológicas crânio-faciais. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 175-221.
- ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- BOCQUET-APPEL, J.-P.; DUBOULOZ, J. (2003) – Traces paléanthropologiques et archéologiques d'une transition démographique néolithique en Europe. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. Paris. 100 (4), p. 699-714.
- BRONK-RAMSEY, C.B. (2005) – *OxCal program v.3.10*. Oxford: University of Oxford, Radiocarbon Accelerator Unit [<http://www.rlaha.ox.ac.uk/oxcal/oxcal.htm>].
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, 303.
- CARDOSO, J. L. (2010) – O Neolítico antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GIBAJA, J. F.; CARVALHO, A. F., dir. – *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, p. 23-48 (Promontoria Monográfica, 15).
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. II Série. 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 47-89.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O.V. & NORTH, C.T. (1995) – O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, 97-122.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. V.; NORTH, C. T.; MEDEIROS, J. & SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1994) – Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *V Jornadas Arqueológicas*, 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 69-78.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (2001/02) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-362.

- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l' Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CARVALHO, A.F. (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 12).
- DELGADO, J.F.N. (1867) – *Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos estudos das cavernas. Primeiro opúsculo: notícia ácerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DUARTE, C. (1998) – Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1 (2), p. 107-118.
- FERNÁNDEZ, E.; GAMBA, C.; TIRADO, M.; LÓPEZ-PARRA, A.; PALOMO, S.; BAEZA, C.; CARVALHO, A. F.; GIBAJA, J. F. & ARROYO, E. (s.d.) – The Mesolithic-Neolithic transition in Iberia. Insights from ancient DNA. *Meso 2010. 8th international conference on the Mesolithic in Europe*. Santander: Universidad de Santander; no prelo.
- GALLAY, C.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. V. (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- GOMES, M. V. (2010) – Castelo Belinho (Algarve): a ritualização funerária em meados do V milénio AC. In GIBAJA, J. F.; CARVALHO, A.F., dir. – *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos*. Faro: Universidade do Algarve, p. 69-80 (Promontoria Monográfica, 15).
- GONÇALVES, V. S. (1995) – *Sítios, "horizontes" e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (2008) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais (Coleção Cascais Tempos Antigos, 1).
- GONÇALVES, V. S. (2009) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais (Coleção Cascais Tempos Antigos, 3).
- LUBELL, D.; JACKES, M.; SCHWARCZ, H.; KNYF, M. & MEIKLEJOHN, C. (1994) – The Mesolithic-Neolithic transition in Portugal: isotopic and dental evidence of diet. *Journal of Archaeological Science*. 21, p. 201-216.
- OOSTERBEEK, L. (1993) – Nossa Senhora das Lapas: excavation of prehistoric cave burials in central Portugal. *Papers from the Institute of Archaeology*. 4, p. 49-62.
- REIMER, P. J.; BAILLIE, M. G. L.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J. W.; BLACKWELL, P. G.; BRONK-RAMSEY, C.; BUCK, C. E.; BURR, G. S.; EDWARDS, R. L.; FRIEDRICH, M.; GROOTES, P. M.; GUILDERSON, T. P.; HAJDAS, I.; HEATON, T. J.; HOGG, A. G.; HUGHEN, K. A.; KAISER, K. F.; KROMER, B.; MCCORMAC, F. G.; MANNING, S. W.; REIMER, R. W.; RICHARDS, D. A.; SOUTHON, J. R.; TALAMO, S.; TURNEY, C. S. M.; VAN DER PLICHT, J. & WEYHENMEYER, C. E. (2009) – IntCal09 and Marine09 radiocarbon age calibration curves, 0-50,000 years cal BP. *Radiocarbon*. 51:4, p. 1111-1150.
- SERVICE, E. R. (1962) – *Primitive social organization. An evolutionary perspective*. New York: Random House.
- SILVA, A. M. (2003) – Portuguese populations of late Neolithic and Chalcolithic periods exhumed from collective burials: an overview. *Anthropologie*. 41:1-2, p. 55-64.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1996) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Coleção Parques Naturais, 15).



- SOARES, A. Monge (1995) – Datação absoluta da necrópole “neolítica” da Gruta do Escoural. In ARAÚJO, A.C. & LEJEUNE, M. – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, p. 111-119 (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (2000) – Capturar a mudança na Pré-História recente do Sul de Portugal. 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. Actas, 4. Porto: Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, p. 213-224.
- SOARES, J. & SILVA, C.T. (2010) – Campaniforme do Porto das Carretas (médio Guadiana). A procura de novos quadros de referência. In: GONÇALVES, V.S.; SOUSA, A.C., eds. – *Transformação e mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Actas do colóquio internacional*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais (Cascais Tempos Antigos; 2), p. 225-262.
- STRAUS, L. G.; ALTUNA, J.; JACKES, M. & KUNST, M. (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d’El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*. 18, p. 65-95.
- VALERA, A. C. (2010) – Gestão da morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, p. 57-62.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 6).